

A Editora Casa do Psicólogo está lançando a coleção de livros "Clínica Psicanalítica", cujo organizador é também o autor do primeiro deles. Flávio Carvalho Ferraz tece, com sua escrita simples e refinada, uma pequena obra sobre a perversão que nos toca naquilo de que freqüentemente nos desviamos ao deparar com um paciente perverso: a disposição ética para escutar.

Para grande parte dos psicanalistas, o paciente perverso seria refratário ao tratamento psicanalítico. Não que não tenhamos tido, ao longo da história psicanalítica, postura semelhante diante de outros quadros clínicos - como as psicoses em suas diversas formas -, postura essa que veio a ser suplantada com a ousadia bem temperada de alguns. Mas com a perversão é diferente. E a diferença está exatamente na questão ética a que ela o tempo todo nos convoca.

Por um lado, quaisquer que sejam as formas pelas quais a perversão se manifesta, parece que sempre estamos diante de posturas aéicas - porque o resultado visa a desqualificar ou a ferir o outro e, como depositários da fala do perverso, nós muitas vezes nos vemos aprisionados em teia semelhante àquela que enlaça seu objeto de gozo e que o torna refratário à clínica; assim, nos restaria apenas uma atitude contratransferencial que nos declina da escuta psicanalítica (e nos conforta), mas afasta o paciente perverso da clínica. Por outro, essa mesma atitude contratransferencial coloca em causa aquilo que o autor, ao longo de sua escrita, nomeia como disposição ética para escutar o

## Uma clínica para a perversão

Resenha de Flávio Carvalho Ferraz, *Perversão*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000, 89p.

que é mais obscuro no quadro clínico da perversão: a dor e o sofrimento ocultos no canto de sereia do perverso e que, numa primeira visada, parece-nos tão estranho e coloca-nos frente ao horror. Essa disposição ética implica também em poder ver nas atuações perversas a única forma possível de sobreviver psicologicamente àquela mesma dor e sofrimento. Porém, há uma linha tênue que separa o acolhimento, muitas vezes tão difícil mas necessário, da benevolência e condescendência em relação àquilo que se escuta de um paciente perverso: "A clínica da perversão pode, muitas vezes, exigir do analista que experimente, no limite, a máxima exigência ética da psicanálise, que pressupõe a neutralidade e a abstinência. Mas a observância dessas exigências não pode confundir-se com complacência ou conivência diante da perversidade eventualmente presente no padrão de conduta do paciente, seja na transferência, seja em suas re-

lações com o mundo" (p. 81-82).

Em suas Considerações Iniciais, o autor resgata a construção semântica do termo perversão, cujo aparecimento remonta ao final da Idade Média: à acepção inicial de retornar ou reverter agregaram-se, ao longo da história, as concepções carregadas de negatividade que o termo mantém: deplorável, degradação orgânica, mau, maligno são qualidades corolárias dos atos de corromper, depravar, desmoralizar e que desaguam na concepção secular de desvio sexual. É nesse caldo de cultura sobre a perversão e os atos de perversidade de quem a pratica que a psicanálise se insere, e através disso recebemos nossos pacientes na clínica.

Ao lado desse resgate semântico, o autor traz à discussão o tema controverso de se considerar ou não a perversão

como estrutura psíquica, já que ela, com certas gradações, também se manifesta em outras formas de psicopatologia. Toma-se imprescindível, então, uma demarcação entre a perversão e a perversidade, e aí, sim, o autor, aliado a alguns interlocutores, pode situá-la como estrutura: "Quando examinamos a forma como a tradição psicanalítica passou a compreender o sentido da palavra perversão, vemos que é possível encará-la como designação de uma estrutura psíquica particular não necessariamente ligada à perversidade manifesta, mas também muitas vezes - por que não dizê-lo? - caracterizada por uma relação com os objetos na qual estes são manipulados de modo a serem usados, na pior das acepções do termo. (...) Kernberg resalta o fato de que perversidade não é o mesmo que perversão, muito embora, nos casos mais graves de perversão - em pacientes a quem ele atribui a presença de um narcisismo maligno -, podem-se detectar evidências da perversidade tanto na transferência como nas demais relações objetais" (p. 17).

Num segundo tempo, Ferraz compõe o trajeto pelo qual passou a construção teórica sobre a perversão na obra de Freud, apesar da verdade histórica que torna evidente que ele "pouco ou nada se referiu à clínica da perversão" (p.9). Aí, tem como interlocutora especial, dentre outros, Janine Chasseguet - Smirgel, para quem há três momentos da concepção perversa na obra de Freud, os quais não são excludentes mas complementares, como bem acentua o autor. O primeiro, aquele da neurose como negativo da perversão. O segundo, mediado pelo complexo de Édipo e pelas equações simbólicas que dele advêm,

a ponto de se poder pensar, pela primeira vez, na estranheza da estreita relação entre o erótico e terrorífico das perversões. Finalmente, o terceiro momento remete a alguns artigos da década de 20 e culmina com *Fetichismo*, de 1927; aí a recusa (*Verleugnung*) da castração e a divisão do ego roubam a cena e trazem conseqüências tanto para a perversão como para sua irmã gêmea, a psicose. Para além de suas diferenças estruturais, a interface que há entre as duas leva o autor a identificar, no caso clínico por ele apresentado, uma loucura potencial desenhada com os traços sombrios de uma perigosa depressão, oculta no triunfo sobre a castração que seu paciente erigiu com suas construções perversas.

Sedimentada nessas construções freudianas sobre a perversão, sua escrita visa a ultrapassar os impasses que a clínica da perversão nos coloca e, para isto, traz ao debate que propõe a atualidade das idéias que alguns pesquisadores consagraram: Joyce McDougall, para quem na perversão tem-se a criação teatral de cenas que encerram o triunfo sobre a castração, cujo fim é a proteção contra imperiosas angústias de aniquilamento; Masud Khan, cuja formulação de que a perversão é uma patologia do ego o leva a situá-la muito próxima da psicose; e Janine Chasseguet-Smirgel, já citada, que considera a des-sacralização dos objetos reali-

zada pelo perverso uma montagem que se assenta na anulação e narcisismo, fundamentada em idealizações que dão o tom tão fictício para a vida psíquica do perverso. Entremeadas a essa discussão, Ferraz tece cuidadosas considerações que vislumbram a clínica da perversão como possibilidade real.

Alguns casos clínicos - em especial os de Freud - fazemos senti-los muito próximos de uma obra de ficção; esta mesma impressão temos ao lermos o caso clínico apresentado e discutido delicadamente pelo autor e que nos impõe algumas relações entre a história clínica apresentada e *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde<sup>1</sup>.

Duas colocações feitas por Ferraz, a respeito da história clínica, parecem guardar entre si um certo grau de tensão: de um lado, a angústia de seu paciente ao perceber que "o tempo estava passando", portanto, que algo de imponderável impera sobre ele - isso faz com que ele procure ajuda psicoterapêutica - e, de outro, a recusa do corpo em relação a sua falibilidade. A trama costurada por Oscar Wilde se desenrola, num primeiro momento, diante da implacabilidade do tempo; num segundo momento, o personagem Dorian Gray é levado a fa-

zer negociatas com o imponderável e imaginar que poderia burlar aquilo que Ferraz nomeia como falibilidade do corpo. Nesse tempo de recusa da decadência de seu corpo, Dorian Gray imaginava continuar intacto, pois era seu outro do retrato que sofria as mazelas do corpo frente ao tempo; tendo feito inúmeras peripécias, também ele não conseguia estabelecer nenhum vínculo duradouro com ninguém. Uma vez, Dorian Gray se apaixona de forma arrebatadora por uma atriz (na verdade, havia se apaixonado pelos papéis shakespearianos que ela representava) até que a conquista; a partir daí, sua paixão se esvai e passa a nutrir por ela todo seu desprezo; havia um prazer imenso em destruir o outro. Em determinado momento de sua discussão clínica, Ferraz escreve que, para seu paciente, seus parceiros eram palitos de fósforos que se queimam, completamente descartáveis, o que o autor, sabiamente, identifica como um gozo em destruir o outro (este, sempre um objeto a ser usado e manipulado).

Isto se torna ainda mais interessante, não sem um acorde melancólico, se pensarmos que Oscar Wilde escreve, após a derrocada existencial que o leva à prisão, uma carta belíssima - *De Profundis* - endereçada àquele que foi o autor de sua desgraça; impossível pensar no personagem Dorian Gray sem, em alguns pontos, retratá-lo em Lorde Alfred Douglas, por quem Oscar Wilde, enquanto objeto usado por aquele, foi levado ao encontro da destruição de si. Em certa altura de sua longa carta, escreve: "Para você, os moti-

vos mais vis, os mais baixos apetites, as paixões mais vulgares tornavam-se leis que deviam reger a vida daqueles que o cercavam e aos quais eles poderiam ser sacrificados, sem o menor escrúpulo, sempre que necessário"<sup>2</sup>.

As águas entre a ficção e a realidade se separam no final (que bom que pode ser assim); na ficção, o imponderável busca o que lhe é devido e, na realidade, o paciente - graças ao paciente trabalho de Ferraz - parece poder se submeter às leis desse mesmo imponderável e assim ser um pouco menos infeliz.

## NOTAS

1. O. Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, São Paulo, Abril Cultural, 1972.
2. O. Wilde, *A Alma do Homem sob o Socialismo e Escritos do Cárcere*, Porto Alegre, L&PM, 1996, p. 60.

Joyce Gonçalves Freire é psicóloga, com especialização em Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise pela Unicamp e mestranda em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas desta mesma Universidade.